



Boletim NEIT – Número 7 – Setembro de 2005

SEÇÃO 1	Panorama Setorial: Indústria Siderúrgica
SEÇÃO 2	Tópico Especial: Argentina O Espetáculo do Crescimento
SEÇÃO 3	Comércio Exterior e Produção Industrial Desempenho no primeiro semestre de 2005

Panorama Setorial : Indústria Siderúrgica

Panorama da indústria siderúrgica mundial

O aço é a principal matéria-prima para uma significativa gama de indústrias e tem importância fundamental na estrutura produtiva dos países industrializados por estar intimamente ligado, tanto a atividades básicas, como à produção de bens de consumo duráveis e bens de capital, de alto valor agregado.

Os fabricantes de aço são classificados em função dos produtos que preponderam em suas linhas. Desta maneira, as usinas podem ser classificadas em: a) semi-acabados (placas, blocos e tarugos); b) aços planos carbono ou especiais (chapas e bobinas); c) aços longos carbono ou especiais (barras, perfis, fio máquina, vergalhões, arames e tubos sem costura). De maneira geral, as usinas siderúrgicas que realizam todas as etapas produtivas em uma única planta são classificadas como usinas integradas, mas também existem as unidades especializadas em algumas etapas produtivas, como as usinas de semi-acabados e as empresas laminadoras, estas últimas realizando apenas a etapa final da siderurgia. Verificam-se também as unidades de menor escala, mini-usinas com fornos elétricos que utilizam a sucata como principal fonte de matéria-prima (*mini-mills*), e as pequenas unidades especializadas na produção de ferro-gusa, a partir de carvão vegetal (guseiras).

Trata-se, portanto, de uma indústria intensiva em capital que está centrada em elevadas escalas de produção, graças aos altos custos de operação das plantas, notadamente as unidades integradas de aços planos e as usinas de semi-acabados.

De acordo com o *IISI - International Iron and Steel Institute*, em 2004, foi produzida 1,05 bilhão de tonelada de aço bruto no mundo, crescimento de 8,8% em relação ao ano anterior e 35,7% em relação a 1998. O maior produtor mundial é a China, cuja produção, em 2004, atingiu 272,5 milhões de toneladas e que tem apresentado taxas de crescimento anual da produção expressivas: entre 2003 e 2004, a produção cresceu 23,2% e quando comparada à 1998, a produção cresceu 137,8%. Observa-se que esta taxa de crescimento da produção chinesa de aço se acelerou ainda mais na primeira metade de 2005 (28,3%), fazendo com que este país passasse a responder por 30% da produção mundial de aço. Os outros grandes produtores mundiais são respectivamente: Japão (112,7 milhões/ton., em 2004), Estados Unidos (98,9 milhões/ton.), Rússia (65,6 milhões/ton.) e Coreia do Sul (47,5 milhões/ton.). Como visto, a China é a principal responsável pela expansão mundial da indústria siderúrgica nos últimos anos, já que os outros quatro principais países produtores tiveram crescimento médio da produção de apenas 3% entre 2003 e 2004, e na comparação do primeiro semestre de 2005 com o primeiro semestre de 2004, apenas o Japão registrou

A produção siderúrgica chinesa, maior do mundo, cresceu 137,8% entre 1998 e 2004.



um resultado positivo, e mesmo assim inferior a 2%. Deste grupo, destaca-se o caso dos EUA, que apesar do crescimento de 5,2% entre 2003 e 2004, atingiram neste último ano, o mesmo volume de produção de 1998. Em 2004, o comércio de aço também atingiu níveis recordes, sendo negociados 263 milhões de toneladas, 28% do consumo mundial do produto. Verificam-se, no entanto, mudanças significativas nos fluxos de comércio, com reduções das exportações líquidas dos países da OCDE em cerca de 60% e tendência de reversão nos fluxos comerciais chineses, com queda de 24% nas importações e aumento de mais de 100% nas exportações. No ano de 2004, os preços do aço no mercado mundial quase dobraram devido à forte demanda da China, mas os preços internacionais caíram de 15 a 20 por cento desde dezembro, devido à queda da demanda em alguns mercados e à redução dos estoques, pois muitos clientes haviam previamente comprado aço em meio ao temor de escassez. Cabe ainda destacar que no início de 2005, as grandes empresas de mineração, lideradas pela brasileira Cia Vale do Rio Doce, ampliaram o preço mundial do minério de ferro em mais de 70%, neutralizando, assim, parte dos ganhos de rentabilidade das empresas siderúrgicas, obtidos no ano anterior.

Em 2004, os preços do aço quase dobraram devido à elevação da demanda chinesa e ao receio de escassez de produto.

Tabela 1 – Mundo: Maiores empresas siderúrgicas - 2004

Class.	Empresas	Volume Prod. (milhões ton. aço)	Nacionalidade
1	Mittal Steel	58,9	Índia
2	Arcelor	46,9	Luxemburgo
3	Nippon Steel	32,4	Japão
4	JFE	31,6	Japão
5	Posco	30,2	Coréia do Sul
6	Shanghai Baosteel	21,4	China
7	US Steel	20,8	EUA
8	Corus Group	19,0	Inglaterra / Holanda
9	Nucor	17,9	EUA
10	ThyssenKrupp	17,6	Alemanha
11	Riva Acciao	16,7	Itália
12	Gerdau	16,3	Brasil
13	Sumitomo	13,0	Japão
14	Evrz Holding	12,2	Rússia
15	Sail	12,1	Índia

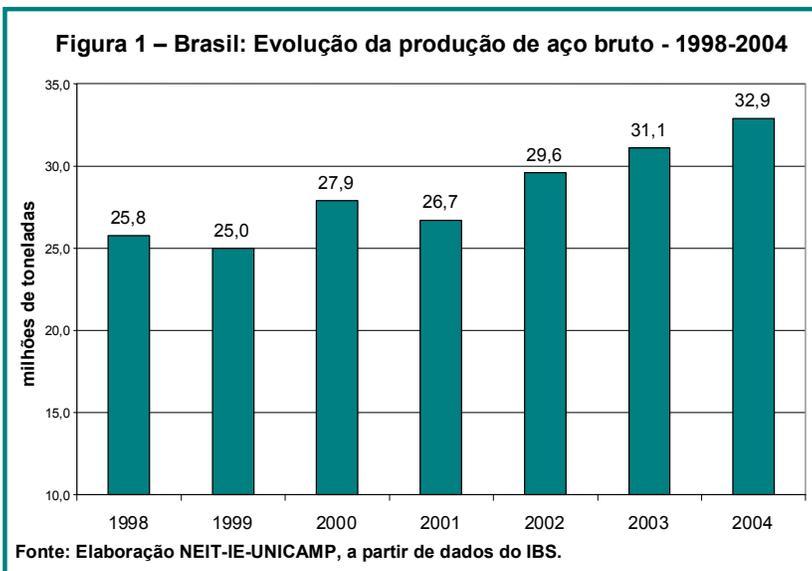
Fonte: Elaboração NEIT-IE-UNICAMP, a partir de dados do IISI.

Com relação a estrutura de mercado da indústria siderúrgica mundial, constata-se que esta sempre esteve assentada em bases nacionais. Entretanto, desde o final da década passada, observa-se um amplo movimento de concentração patrimonial e internacionalização, que culminou com a criação dos primeiros *global players* da indústria siderúrgica. Até a década de 90, o nível de produção dos maiores grupos siderúrgicos, como a japonesa Nippon Steel e a coreana Posco, estava na faixa de 25 milhões de ton./ano. Em 2002, foi criado o primeiro grupo siderúrgico com atuação global, a européia Arcelor, com capacidade produtiva de 40 milhões de ton./ano, e em 2004, surgiu a indiana Mittal Steel, com volume de produção próximo a 60 milhões de ton./ano.

A indústria siderúrgica no Brasil

O Brasil é o oitavo maior produtor mundial de aço, tendo atingido a produção recorde de 32,9 milhões de toneladas, em 2004. Na figura 1, observa-se que a produção nacional cresceu 27,5%, nos últimos 6 anos, um pouco abaixo da média mundial que, como visto, foi de 35,7%. Segundo o IBS - Instituto Brasileiro de Siderurgia, tal desempenho converteu-se em um faturamento de US\$ 17,1 bilhões, em 2004, valor 48,7% superior ao faturamento de US\$ 11,5 bilhões da indústria no ano anterior. Do faturamento total de 2004, US\$ 12,2 bilhões foram provenientes de vendas realizadas no mercado interno que, em relação ao ano anterior, ampliou sua participação no faturamento total de 66% para 69%, refletindo o aquecimento da economia brasileira no referido ano.

A produção siderúrgica nacional cresceu 27,5% entre 1998 e 2004, abaixo da média mundial, de 35,7%.



Com relação ao primeiro semestre de 2005, observa-se uma queda de 2,9% na produção nacional de aço, refletindo a desaceleração do crescimento econômico. Entretanto, esta redução de produção não afetou a receita das empresas, ao contrário, houve uma expansão de 54,4% no faturamento registrado no primeiro semestre de 2005, em comparação com o mesmo período do ano anterior. Isto se deve aos elevados aumentos de preços ocorridos em 2004, e a não redução destes preços no mercado interno, no presente ano. Ainda com relação a preços, cabe destacar a recente condenação pelo CADE – Conselho Administrativo de Defesa Econômica, das siderúrgicas Gerdau, Belgo Mineira (Grupo Arcelor) e Barra Mansa (Grupo Votorantim) por formação de cartel na comercialização de um tipo de aço longo utilizado na construção civil (vergalhão). Segundo a decisão do CADE, estas empresas terão de pagar uma multa equivalente a 7% do faturamento bruto obtido em 1999, ano anterior ao início da investigação.

No Brasil, a estrutura produtiva da indústria siderúrgica é formada por 11 empresas que operam 24 usinas, gerando, em 2004, pouco mais de 60 mil empregos diretos e 10 mil empregos indiretos, de acordo com o IBS. Segundo a Pesquisada Industrial Anual do IBGE, a siderurgia integrada respondia, em 2002, por 2,8% do Valor da Transformação Industrial (VTI) e a fabricação de produtos siderúrgicos exclusive os fabricados pelas siderúrgicas integradas, correspondia a 1,7% do VTI. Deste modo, as atividades siderúrgicas são, a grosso modo, 4,5% do valor agregado na indústria brasileira.

Considerando-se que a indústria nacional vem operando próximo do limite da capacidade instalada, passa a existir uma relação inversa entre o crescimento da demanda interna e as exportações. Enquanto em 2004, a expansão da economia doméstica levou ao redirecionamento de parte das exportações para o mercado interno, no primeiro semestre de 2005, a queda na demanda nacional permitiu um incremento de 1,2% no volume exportado.

Os dados da tabela a seguir indicam que, apesar da queda de 7,7% no volume exportado em 2004, as exportações em valor FOB aumentaram 37%. Isto se deve, principalmente, ao mencionado aumento de preços do aço no mercado internacional. Segundo o IBS, o aumento da participação de produtos de maior valor agregado na pauta de



exportações do setor, como aços galvanizados e inoxidáveis, também justifica a manutenção do crescimento dos valores exportados.

Tabela 2 – Brasil: Balança Comercial da Indústria Siderúrgica - 2003/2004

	Exportações		Importações		Saldo	
	2003	2004	2003	2004	2003	2004
Volume (1.000 ton.)	12.984	11.982	550	548	12.434	11.433
Semi-acabados	7.238	6.339	12	11	7.226	6.327
Planos	3.533	3.661	341	262	3.191	3.398
Longos	2.212	1.982	196	274	2.016	1.707
FOB (US\$ milhões)	3.860	5.287	456	568	3.859	5.286

Fonte: Elaboração NEIT-IE-UNICAMP, a partir de dados do IBS.

As vantagens competitivas da siderurgia brasileira são associadas aos baixos custos operacionais e à atualização tecnológica das plantas.

No balanço externo, percebe-se que a indústria siderúrgica brasileira apresenta um forte superávit estrutural, com importações praticamente insignificantes frente aos volumes exportados. Este desempenho é reflexo do nível de competitividade da indústria nacional frente à indústria mundial, proporcionado por custos operacionais que se encontram entre os menores do mundo em função da proximidade com o minério de ferro, da atualização tecnológica do parque industrial e de uma satisfatória infra-estrutura de escoamento da produção, além da existência de um mercado interno significativo, que responde por aproximadamente $\frac{3}{4}$ da produção local. Por sua vez, os problemas de competitividade no setor limitam-se a fatores sistêmicos, como tributação e custo de capital. Além disso, a complexa situação patrimonial, em grande parte resultante do processo de privatização ocorrido ao longo da década de 90, pode afetar negativamente a competitividade da indústria siderúrgica nacional, frente a outros países.

Tabela 3 – Brasil: Internacionalização das empresas siderúrgicas - 2005

Empresas	Volume global de produção (milhões de ton.)	Início da Internacionalização (ano)	Subsidiárias	País de destino
Gerdau	16,3	1980	Gerdau Ameristeel Gerdau Aza Gerdau Laisa Sipar Diaco e Sidelpa	Canadá e EUA Chile Uruguai Argentina Colômbia
Arcelor Brasil ²	10,5	2000	Acindar	Argentina
Grupo Usiminas	9,5	1992	Ternium ¹	Argentina, Venezuela e México
CSN	5,5	2001	Heartland Steel Lusosider	EUA Portugal

1. Participação minoritária.

2. Empresa brasileira, controlada pelo Grupo Arcelor de Luxemburgo.

Fonte: Elaboração NEIT-IE-UNICAMP

Esta vantagem competitiva brasileira tem enfrentado, nos últimos anos, crescentes barreiras protecionistas impostas pelos principais países consumidores de aço, notadamente os EUA. Se por um lado estas barreiras freiam as exportações do país, por outro têm estimulado o processo de internacionalização da siderúrgica brasileira, com a aquisição, por parte das empresas nacionais, de plantas nos mercados consumidores. Entre estas, destaca-se a Gerdau, que iniciou sua internacionalização no início dos anos 80 e, atualmente, possui 52% do total de sua capacidade produtiva, de 16,3 milhões de ton./ano, instalada no exterior. Desta maneira, a Gerdau se consolidou como a maior produtora de aços longos do



continente americano e a 12º produtora de aço no *ranking* mundial. Cabe destacar que a Usiminas e a CSN – Cia Siderúrgica Nacional também iniciaram um cauteloso processo de internacionalização nos últimos anos. A primeira confirmou, recentemente, sua participação minoritária de 16% na *holding* Ternium, que está sendo formatada pelo grupo argentino Techint, para reunir seus ativos siderúrgicos: a argentina Siderar, a venezuelana Sidor e a mexicana Hylsamex. A nova *holding* terá uma capacidade produtiva de 12 milhões de ton./ano e apesar de ser uma empresa latino-americana, sua sede estará localizada em Luxemburgo. Por fim, a aquisição dos ativos da Heartland Steel, nos EUA, em 2001, marcou o início do processo de internacionalização da CSN, que em 2003, também adquiriu 50% da laminadora portuguesa Lusosider.

Perspectivas para a indústria siderúrgica

A produção mundial, que atingiu 1,057 bilhões de toneladas em 2004, deve passar para 1,305 bilhões de toneladas em 2006. Como este aumento da capacidade produtiva tem se concentrado nos países demandantes, particularmente na China, a tendência é que os fluxos de comércio internacional de aço diminuam, prejudicando países cujas indústrias siderúrgicas estejam voltadas para a demanda externa.

A China continuará sendo a peça chave no crescimento da indústria mundial de aço. Além de sua influência no preço das matérias-primas, se mantido o ritmo de crescimento de sua produção, como previsto pelo IISI, acredita-se que em poucos anos a China se tornará um exportador líquido.

A conjuntura internacional favorável e o elevado grau de utilização de capacidade instalada são indicadores positivos para novos investimentos no país.

Deste modo, a manutenção do aquecimento da economia mundial é fundamental para evitar uma crise no setor, que pode ocorrer em médio prazo. O mesmo raciocínio se aplica à indústria nacional: a recuperação da economia brasileira é fundamental para que a demanda mantenha-se aquecida. Mais do que isso, dado o nível de utilização da capacidade instalada, é importante a criação de condições adequadas para novos investimentos, não apenas para se atender ao esperado crescimento da demanda interna e assim evitar pressões de preços e redução de exportações, mas também para se aproveitar das condições conjunturais favoráveis a um novo ciclo de grandes investimentos e consolidar a indústria siderúrgica brasileira como uma das mais competitivas do mundo. A seguir, os novos projetos de investimento serão brevemente analisados dentro do contexto estratégico de cada empresa.

Com relação aos investimentos no Brasil, a Gerdau planeja gastos de US\$ 2,2 bilhões, no triênio 2005-07. Segundo a empresa, estes investimentos serão destinados a modernização e ampliação de unidades já existentes e a construção da Usina de Araçariçuama (SP), com capacidade para 900 mil ton./ano. A Usiminas, que em 2005 concluiu a incorporação da Cosipa, passando a ter uma capacidade instalada de 9,5 milhões de ton./ano, planeja para os próximos anos investimentos de US\$ 600 milhões em modernização de suas plantas. Por sua vez, a CSN deve investir em torno de US\$ 780 milhões na construção de uma pelotizadora, na melhoria do porto e na diversificação de suas atividades no setor de mineração, com a expansão da Mina Casa de Pedra. Além disso, a CSN apresentou um projeto de US\$ 3 bilhões para uma nova usina de semi-acabados com capacidade de 5 milhões de ton./ano. Entretanto, este empreendimento, que deve se localizar no município de Itaguaí (RJ), próximo ao Porto de Sepetiba, se encontra em fase de estudos.

Ainda em 2005, foi criada a Arcelor Brasil, reunindo sob uma única *holding* os ativos que o grupo europeu possuía no país: a Belgo-Mineira, voltada para produção de aços longos; a CST - Cia. Siderúrgica de Tubarão, produtora de semi-acabados, a laminadora Vega do Sul, e também a siderúrgica argentina Acindar. Em breve, a nova *holding* também irá incorporar a única fabricante de aço inoxidável do Brasil, a Acesita. A Arcelor Brasil passa a ser a maior fabricante de aço em volume de produção localizado no país, com capacidade de 10,5 milhões de ton./ano. Até 2007, a nova empresa planeja investir US\$ 1,2



bilhão só na expansão da CST (de 4,9 para 7 milhões de ton./ano), além de um valor não explicitado para duplicar duas usinas da Belgo (Monlevade e Juiz de Fora).

Além dos projetos de investimento das empresas já instaladas no país, tem-se um grande número de projetos *greenfield*, todos eles voltados para produção de semi-acabados e com a participação minoritária da Cia Vale de Rio Doce, que busca assim expandir a demanda para seus minérios e a venda dos seus serviços de logística (ferrovias e portos).

O projeto em fase mais adiantada envolve a mineradora brasileira e a alemã TKS - ThyssenKrupp Stahl, que criaram a CSA - Companhia Siderúrgica do Atlântico. O investimento no projeto é de US\$ 2 bilhões e prevê a montagem de uma usina em Santa Cruz (RJ), apta a fazer 4,4 milhões de ton./ano. A USC - Usina Siderúrgica do Ceará, parceria entre a italiana Danieli, a coreana Dongkuk e a Vale é um empreendimento mais modesto, orçado em US\$ 720 milhões para produzir 1,5 milhão de ton./ano. Por fim, o maior e mais polêmico dos projetos é o do Pólo Siderúrgico do Maranhão, na realidade, um condomínio de 3 usinas, com investimento total estimado em US\$ 11 bilhões e capacidade produtiva de 22 milhões de ton./ano. A primeira usina estimada em US\$ 2,4 bilhão e capacidade de 4 milhões de ton./ano tem como sócios da Vale, a chinesa Baosteel e a européia Arcelor. O segundo projeto é uma associação da Vale com a coreana Posco. Entretanto, existem grandes dúvidas em relação a estes projetos devido não apenas as sérias restrições ambientais e sociais, como pela desistência dos sócios estrangeiros da Vale. A Posco passou a priorizar um grande empreendimento na Índia, enquanto a Arcelor Brasil está buscando concentrar seus investimentos na expansão da CST.

As perspectivas mais otimistas apontam para uma elevação de 51% na capacidade de produção até 2010 no Brasil.

Com base nos projetos acima enumerados, o IBS trabalha com a perspectiva de aumento de 51% na capacidade instalada - das atuais 33 milhões para 50 milhões de toneladas em 2010, mas ainda é grande o grau de incerteza sobre a execução da maioria deles.

Apesar deste cenário ser promissor quanto ao volume de investimentos, corre-se o risco de que num futuro próximo, a indústria siderúrgica brasileira se converta num centro de custos em nível internacional. Esta possibilidade é bastante elevada já que a estratégia dos grandes grupos mundiais do setor consiste em deslocar investimentos em usinas de aços semi-acabados (placas) para países em desenvolvimento, concentrando nas matrizes as etapas de acabamento (laminação). Desta maneira, a especialização da indústria siderúrgica brasileira na produção de placas para exportação, além de ser uma concentração num segmento de baixo valor agregado, também implica no risco de que, encerrado o ciclo de alta do aço, o ajuste sobre os preços se concentre justamente nos produtos semi-acabados.

Uma das alternativas contrária a esta tendência seria a constituição de um ou mais *global players* nacionais. Entretanto, os próprios resultados positivos das siderúrgicas brasileiras (elevada rentabilidade e grande valorização dos ativos), faz com que todas se tornem "compradoras", umas das outras, dificultado assim a consolidação deste importante setor industrial.

Tópico Especial: Argentina – O Espetáculo do Crescimento

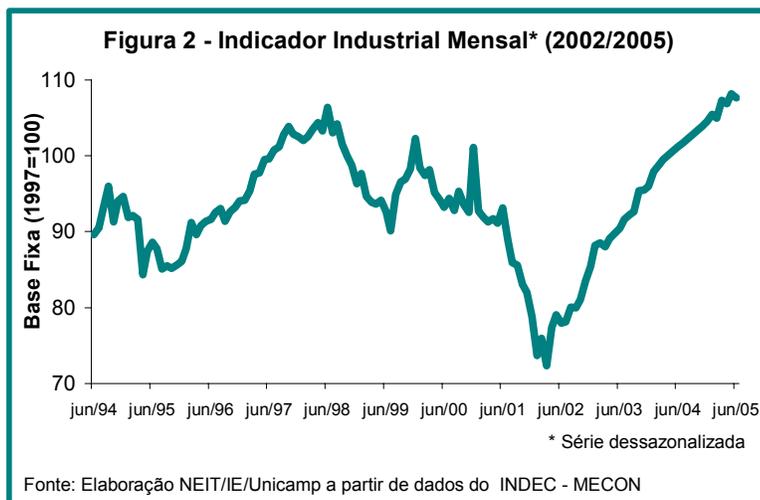
A Argentina experimentou um intenso processo de desindustrialização relativa e de fragilização (desadensamento) da estrutura produtiva nas últimas três décadas, o que pode ser observado na forte redução da participação do produto industrial no produto total. Na primeira metade dos anos 70, o produto manufatureiro era responsável por aproximadamente um quarto do produto total, o que foi sistematicamente reduzido para pouco mais de 15% em 2002, recuperando-se parcialmente a partir de então, o que permitiu elevar essa participação para um patamar de 17% em 2004, o que está ainda muito aquém dos patamares verificados no período de auge da industrialização dos anos 70. Outra



tendência da estrutura produtiva foi o processo de especialização regressiva em setores de produtos básicos e manufaturas de origem agrícola, nos quais a Argentina apresenta vantagens comparativas, em detrimento dos setores industriais mais dinâmicos e de maior conteúdo tecnológico. Uma importante exceção foi a indústria automobilística na qual as decisões de produção e investimento dependem muito mais das estratégias corporativas e regionais. O medíocre desempenho industrial foi em grande medida devido aos choques externos e às políticas adotadas para o enfrentamento das sucessivas crises domésticas e externas: "Crise pós-liberalização de meados dos 70", "Crise pós-Tablita em 1982-84", "Crise de 1985", "Crise da Hiper-inflação de final dos anos 80", "Crise Efeito Tequila de 1995", "Crise financeira internacional a partir de 1998" e a "Crise pós-conversibilidade em 2001".

A regressão, desarticulação e especialização regressiva da estrutura produtiva argentina vivenciada nas últimas décadas tornam ainda mais espetaculares o desempenho recente da indústria. A recuperação industrial, iniciada a partir do segundo trimestre de 2002, permitiu a recuperação de toda queda do produto verificada na recessão de 1998-2001 e até mesmo superar, em meados de 2005 (ver gráfico), o nível recorde de atividade industrial atingido em meados de 1998, antes dos desdobramentos da crise financeira internacional. Considerado o período do primeiro trimestre de 2002 até o segundo trimestre de 2005, o crescimento acumulado do produto industrial foi de 45%. No primeiro semestre de 2005, a taxa de expansão do produto industrial apresentou pequena desaceleração, mas ainda assim manteve a trajetória de crescimento com taxa semestral de 6%. Esse dinamismo foi fundamental para tornar novamente o setor industrial o motor de crescimento da economia. Assim, o PIB argentino cresceu em termos acumulados 25% nos últimos três anos, praticamente voltando ao patamar anterior à crise econômica.

O crescimento do produto entre o 1º trimestre de 2002 e o 2º trimestre de 2005 foi de 45%, um grande impulso para o crescimento de toda a economia.



O ciclo expansivo recente apresenta algumas especificidades em relação aos demais. Uma primeira característica é que a expansão tem sido motivada tanto pelo crescimento da demanda interna quanto da externa. A recuperação da demanda interna foi estimulada pela recuperação do investimento e do consumo, enquanto o gasto público primário contraiu-se (queda de 20% quando se compara o triênio 2002-2004 contra 1999-2001). O consumo privado foi beneficiado pela recuperação dos níveis de emprego e de salários (efeito renda), além da expansão do crédito, decorrência do crescimento dos empréstimos ao setor privado não financeiro. Entre o segundo trimestre de 2002 e o terceiro trimestre de 2004 foram incorporadas mais de 2,4 milhões de empregados nos mercados de trabalho público e privado. Tal desempenho permitiu interromper a sistemática queda dos salários reais até o segundo trimestre de 2002, e iniciar uma expressiva recuperação até 2003, mantendo-se estável no período mais recente. A expansão das vendas domésticas nos setores de bens duráveis de consumo de elevado valor agregado, como automóveis e construção civil, fortemente dependentes de linhas de financiamento, sugere que as avaliações pessimistas do impacto da proposta argentina de renegociação da dívida externa sobre o mercado financeiro e o padrão de financiamento não se concretizaram. Corroboram esse argumento não apenas a retomada do crédito doméstico (sobretudo público) bem como a redução do risco país que caiu abaixo dos 400 pontos. Outros indicadores financeiros que corroboram



este argumento foram o aumento dos depósitos privados, o aumento da liquidez bancária (reservas bancos e depósitos totais) e a queda das saídas de capital privado.

Um segundo aspecto é que a expansão industrial foi abrangente e generalizada entre os setores industriais com destaque para os setores automotivo, minerais não-metálicos (com destaque para os insumos da construção civil como cimento e vidro), papel e papelão (principalmente embalagens para alimentos), plástico e borracha (pneumáticos para autoveículos), metalurgia básica (insumos para a construção civil, automobilística, agroindústria e metalmeccânica), edição e gráfica e têxteis. Em 2003, os 5 setores de maior dinamismo foram responsáveis por 82% da taxa de crescimento do produto industrial, 85% em 2004 e apenas 72% em 2005.

Além disto, o baixo grau médio de utilização da capacidade instalada de 70% em meados de 2005 (contra 68,8% em dezembro de 2004, 66,6% em 2003 e 60% em 2002) permite a manutenção de um ciclo mais longo de expansão sem o aparecimento de estrangulamentos produtivos no curto-prazo. As exceções seriam dos setores de refino de petróleo (91,1% em dezembro de 2004) e metais básicos (94,9%), com elevado grau de utilização da capacidade, bem como o risco de uma crise de oferta energética. Por outro lado, o aumento da formação bruta de capital fixo e das importações de máquinas e equipamentos indica uma retomada dos investimentos globais. O fato do grau de utilização da capacidade instalada permanecer relativamente constante ou crescer menos que a produção sustenta esse argumento.

A manutenção de 30% de capacidade ociosa, mesmo sob crescimento acelerado, é elemento chave para a continuidade do atual ciclo econômico argentino.

Tabela 4 – Argentina: Indicadores Seleccionados – 2000/2004

Indicadores	2000	2001	2002	2003	2004
PIB – taxa de crescimento anual*	-0,8	-4,4	-10,9	8,8	9,1
Produto industrial*	0,1	-7,9	-10,6	16,1	10,7
Produto industrial/PIB*	15,9	15,4	15,4	16,4	16,8
Taxa de Investimento (FBCF/PIB)*	17,9	15,8	11,3	14,3	17,7
Grau de Utilização da Capacidade (GUC)*	n.d.	n.d.	49,9%	64,9%	69,7%
Exportação Total**	26.341	26.542	25.650	29.565	34.550
Exp. Manuf. de Origem Indust. (MOI) **	8.230	8.305	7.601	7.703	9.550
Exportação Mercosul**	8.401	7.453	5.733	5.651	6.789
Importação Total**	25.280	20.319	8.989	13.833	22.445
Importação de bens de capital**	5.924	4.180	1.292	2.517	5.331
Import. peças e acess. p/ bens de capital**	4.448	3.407	1.525	2.227	3.622
Import. Manuf. Origem Industrial (MOI)**	22.344	17.789	7.682	12.103	19.855
Saldo comercial**	1.061	6.223	17.179	16.448	13.239
Saldo comercial MOI**	-14.114	-9.500	-170	-4.428	-10.399
Saldo comercial Mercosul**	1.202	1.544	2.837	485	-1.421
ICR (Real)***	70,8	59,7	128,6	115,1	124,3
ICR (Dólar)***	108,5	112,8	279,5	237,9	235,9
ICR (Euro)***	90,1	90,2	238,6	240,9	260,5
IPC*	-0,7	-1,5	41,0	3,7	

Fonte: MECON, INDEC. Elaboração NEIT/IE/UNICAMP.

*dados em %. ***dados em US\$ milhões. *** 1998 = 100

ICR: índice de câmbio real IPC: índice de preço ao consumidor

Finalmente, outro aspecto a ser salientado é que o ciclo expansivo industrial tem sido acompanhado de uma permanente geração de superávit comercial (ver tabela 2). É bem verdade que esse superávit tem sido possível devido ao dinamismo das exportações de produtos agrícolas e de manufaturados de origem agrícola, nos quais a Argentina apresenta vantagens comparativas e tem sido, assim como no caso brasileiro, beneficiada pela



elevação dos preços das commodities e pela forte demanda externa, sobretudo chinesa. Mas ao contrário do Brasil, o governo argentino tem promovido intervenções no mercado cambial para evitar uma valorização cambial e assim assegurar competitividade e rentabilidade aos exportadores.

Com relação ao comércio de manufaturas de origem industrial (MOI), tem se observado um significativo déficit comercial (-US\$ 10,4 bilhões em 2004 e -US\$ 4,4 bilhões em 2003), sobretudo com o Brasil. Enquanto as exportações industriais cresceram apenas 25% no período 2004-2002 (atingindo o patamar de US\$ 9,4 bilhões), as importações saltaram de US\$ 7,6 bilhões para US\$ 19,8 bilhões (158%). Ainda assim, permanecem num patamar bastante inferior ao do biênio 1999-2000 (US\$ 22 bilhões) ou do biênio 1997-98 (US\$ 27,5 bilhões). E mais, cabe destacar que este patamar mais baixo de importação industrial se dá com um nível de produção superior ao daqueles períodos.

Além disso, uma parcela importante e crescente das importações tem sido de bens de capital e de seus componentes (crescimento no primeiro semestre de 2005 de 45% e 32%, respectivamente, contra 33% das importações totais). Essa tendência é mais uma evidência da recuperação dos investimentos industriais. Outra parcela significativa das importações concentra-se em bens intermediários, estimulados pela expansão do nível de produção. Importante destacar que as taxas de crescimento da produção industrial têm sido superiores às das importações de insumos e matérias-primas, o que representaria uma redução do coeficiente importado e apontaria para um incipiente processo de substituição de importações. Portanto, essas tendências não corroboram as análises econômicas que alertavam para o risco da geração de um crescente déficit comercial a partir da recuperação da demanda e da produção domésticas e de seus impactos sobre as importações.

Ainda com relação à demanda externa, também deve ser destacada a importância do mercado regional, sobretudo para as exportações de manufaturas de origem industrial. Juntos o Mercosul (38%), Chile (11%) e o restante da Aladi (8%) representaram quase metade das exportações industriais no primeiro semestre de 2005. O dinamismo do comércio intra-regional tem se baseado nas vantagens comparativas complementares, nos regimes especiais temporários (automobilística) e nas estratégias de produção e comercialização das filiais de empresas transnacionais (ETNs). O comércio regional intra-industrial está concentrado em poucos setores (com destaque para automobilístico e químico) e em poucas empresas, sobretudo ETNs e quase sempre na modalidade de comércio intra-firma. Nesse sentido, as perspectivas otimistas de crescimento regional nos próximos anos deverão incrementar de forma vigorosa o comércio regional nesses setores e oferecer novas oportunidades de investimentos domésticos e, sobretudo, externos dentro de uma estratégia corporativa de especialização e complementaridade produtivas regionais.

Em conclusão, o caso argentino pode oferecer algumas lições. Em primeiro lugar, o enfrentamento da grave crise econômica teve resultados positivos sobre a estrutura e o desempenho da indústria, com reflexos igualmente positivos sobre o crescimento do PIB e sobre a geração de emprego e renda. O fato de essa recuperação apresentar uma intensidade, abrangência e duração surpreendentemente positivas sugere que a Argentina possa estar iniciando uma trajetória de crescimento sustentado, a despeito da forte pressão exercida pelo FMI e pelos mercados financeiros e suas previsões catastróficas com relação à opção de política econômica escolhida. Até porque a política ativa de geração de emprego, renda e crédito não promoveu, por enquanto, pressões inflacionárias nem muito menos o agravamento da crise de financiamento do balanço de pagamentos.

Nesse sentido, a expansão dos investimentos domésticos e externos em infraestrutura (sobretudo na geração de energia elétrica) e nos setores industriais exportadores e/ou com elevada utilização de capacidade produtiva será fundamental. Também será decisiva a contribuição do setor externo. As importações industriais tenderão a elevar-se com os maiores níveis de atividades e de investimentos e assim pressionar o saldo comercial. O atual superávit comercial tem sido gerado em função das exportações de produtos básicos, combustíveis e manufaturados de origem agropecuária favorecidas por uma combinação de preços e de demanda internacionais.

O crescimento projetado para a América Latina é promissor para a Argentina, que exporta mais de 50% de sua produção para estes países.

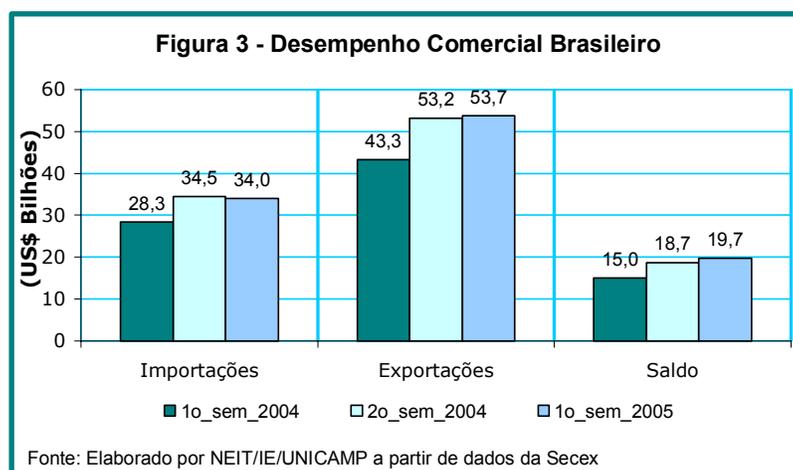
Uma inserção externa capaz de deslocar a vulnerabilidade externa e de construir, de maneira duradoura, um efeito multiplicador sobre a demanda e o emprego domésticos dependerá do perfil de produção e do padrão de crescimento da indústria argentina. Essa evolução, por sua vez, dependerá da ampliação das políticas ativas no plano doméstico e no plano regional. O padrão de complementaridade e especialização produtivas no âmbito do Mercosul e no restante da Aladi condicionará os fluxos futuros de investimento e de comércio exterior na Argentina e na região. É bem verdade que a regressão, desarticulação e especialização regressiva da estrutura produtiva argentina vivenciada nas últimas três décadas não favorecem um padrão de inserção internacional adequado. Por outro lado, o ciclo de expansão industrial atual permite, ao menos, que a Argentina, emersa de uma grave crise política e econômica, volte a sonhar com o desenvolvimento econômico.

Comércio exterior e Produção Industrial

O primeiro semestre de 2005 marcou-se, mesmo que sob intensidade reduzida, pela manutenção da tendência dos últimos anos de elevação do saldo comercial brasileiro e da produção industrial.

Apesar da redução do crescimento das exportações, a queda do volume importado viabilizou a continuidade do crescimento do saldo comercial brasileiro.

A Figura 3 ilustra o desempenho de comércio exterior brasileiro, comparando os dados dos últimos três semestres. As exportações do primeiro semestre de 2005 apresentaram, em comparação ao último semestre do ano anterior, uma ligeira elevação de 0,96%, acumulando US\$ 53,7 bilhões. As importações, por outro lado, apresentaram variação negativa de 1,43% - totalizando pouco mais de 34 bilhões de dólares. O saldo exportador, originário destas variações, continuou seu movimento de crescimento e registrou elevação acumulada de 31% em relação ao primeiro semestre do ano de 2004. Apesar de ainda estar em crescimento, contudo, os valores deste saldo significaram uma sensível redução das taxas de crescimento. Este fato é verificado quando comparadas as variações do primeiro para o segundo semestre de 2004 (pouco mais de 24%) e do segundo semestre de 2004 para o primeiro semestre de 2005 (pouco mais de 5%).



A Figura 4 apresenta a evolução da produção industrial brasileira segundo categorias de uso. Chama a atenção, assim como os dados de comércio, o crescimento generalizado em relação ao mesmo período do ano anterior. O crescimento geral da indústria foi da ordem de 5,4%, puxado pelo crescimento do setor de bens de consumo duráveis (18,1%). O crescimento da produção de duráveis tem se mantido robusto desde 2003 e propiciado impacto positivo sobre diversos setores, especialmente alguns produtores de bens de capital e bens intermediários. Entretanto, a despeito desta demanda intersectorial, a produção de ambas categorias de uso não foi capaz de superar o crescimento geral da indústria. O setor de bens de capital cresceu aproximadamente 4,7% quando comparado com o primeiro semestre de 2004, enquanto o setor de bens intermediários apresentou uma evolução de 2,98%. Por fim, o setor de bens de consumo não duráveis e semiduráveis cresceu 6,7%, acima da média da indústria. Porém, ao contrário dos demais setores, a maior parte do crescimento nesta categoria concentrou-se nos dois meses iniciais de 2005.

A comparação entre o primeiro semestre de 2005 e o último semestre de 2004 apresenta menor homogeneidade.

Enquanto a produção de duráveis se eleva em 9,3%, mantendo o forte crescimento, a produção de bens de capital registrou uma elevação de 1,1% e os setores de bens intermediários recuam 0,79%.

Mais uma vez, a produção de semiduráveis e não duráveis (crescimento de pouco mais de 4%) superou o crescimento geral da indústria (1,36%), puxando a média para cima. O crescimento da indústria em relação ao primeiro semestre do ano de 2004 repercutiu na elevação das compras externas de setores tradicionalmente importadores, como química, e equipamentos e peças com maior conteúdo tecnológico, associados aos setores de máquinas e equipamentos e veículos automotores.

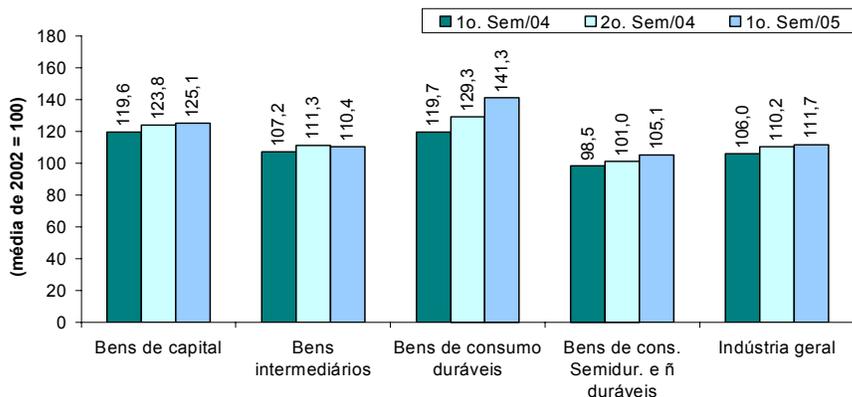
O crescimento da produção industrial foi puxado pelo setor de bens de consumo duráveis, que cresceu 18,1% em relação ao primeiro semestre de 2004.

Estes setores, somados ao de material eletrônico, aparelhos e equipamentos de comunicações e petróleo (severamente influenciado pela forte elevação de preços), contribuíram com mais de 2/3 da variação nas importações. Dentre eles, destacam-se os setores de máquinas e equipamentos e química, reflexos evidentes do crescimento econômico no período em questão. Nas exportações, destacam-se novamente a indústria extrativa (com preços em ascensão) e a de veículos automotores, além dos setores de alimentos e metalurgia básica (com preços que, apesar de estabilizados, mantêm-se em nível elevado). Aos dois últimos setores couberam as maiores contribuições à variação positiva no saldo exportador: 18,5% e 17,5%, respectivamente. Os dois outros setores destacados, como

ilustra a figura 5, foram responsáveis, somados, por cerca de 25% da variação nas vendas ao exterior. Dentre estas rubricas cabe destacar algumas especificidades.

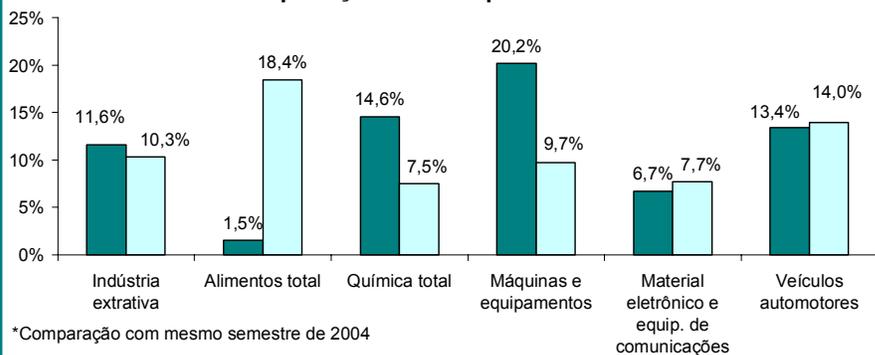
A comparação do desempenho comercial em relação ao último semestre de 2004 é menos uniforme. Como visto na figura 3, houve uma desaceleração no crescimento das exportações e uma redução nos valores das compras externas brasileiras. Do lado das importações, retraíram-se as compras da indústria extrativa (-7,5%), especialmente as de petróleo (-4,5%), além das quedas abruptas na indústria química (-10,2%) e nas compras de derivados de petróleo e álcool (-48,9%). Cabe ressaltar que estes resultados apontam uma forte redução nos volumes importados, tendo em vista a simultânea elevação dos preços destes produtos. Por outro lado, mantiveram-se em crescimento as importações da

Figura 4 - Produção Física Industrial - Categorias de Uso



Fonte: Dados: IBGE. Elaboração NEIT/IE/UNICAMP.

Figura 5 - Contribuição para variação* nas Importações e Exportações - Destaques Setoriais



*Comparação com mesmo semestre de 2004

Fonte: Dados: Secex. Elab. Por NEIT/IE/UNICAMP.

indústria de veículos automotores (22,5%), metalurgia (16,6%) e máquinas e equipamentos (11,3%). Destes três setores, o setor metalúrgico é o único cujo resultado pode ser atribuído às elevações de preços.

Pelo lado das exportações que, como já discutido, elevaram-se em relação ao último semestre, mantiveram-se em crescimento as vendas externas da indústria extrativa (32,1%), produtos químicos (34,4%), alimentos (23,1%), veículos automotores (38,8%) e principalmente, metalurgia básica (41,4%) e material eletrônico e equipamento de comunicações (112,1%). Os destaques negativos nas exportações, na comparação dos mesmos períodos, ficaram por conta da indústria têxtil (-20,9%) e outros equipamentos de transporte (-43,5%), que sofreu com a queda de vendas externas de aeronaves e com a variação negativa acarretada pela concentração de itens de alto valor nas vendas da indústria naval no final do ano de 2004. Cabe lembrar, mais uma vez, o peso das elevações de preços na indústria, bem como frisar o forte desempenho dos setores de equipamentos eletrônicos, cujos preços apresentaram queda.

Os mesmos destaques setoriais no comércio exterior também puderam ser selecionados na análise da evolução da produção doméstica (desagregada setorialmente), exposta na Figura 6.

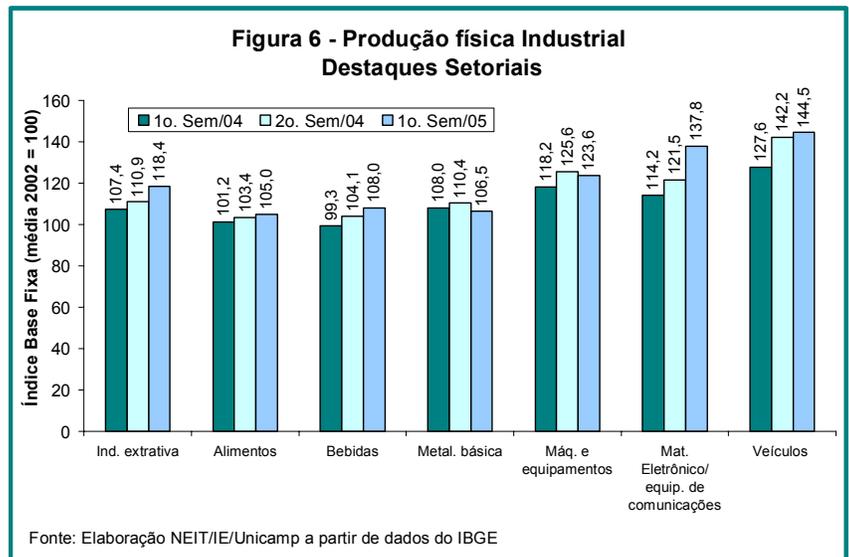
O desempenho setorial do comércio exterior, relação ao último semestre de 2004, foi bastante heterogêneo, apesar do crescimento do saldo.

Comparando a produção do primeiro semestre de 2005 com o mesmo período em 2004, destacam-se, mais uma vez, os setores de material eletrônico e equipamentos de telecomunicações (20,7%), puxados pela produção de celulares e televisores, bem como a produção da indústria de veículos automotores (13,2%). O peso deste último setor na estrutura produtiva nacional fez com que seu crescimento fosse responsável por mais de 1/5 do crescimento total da indústria. Outros destaques

positivos foram a indústria extrativa (10,3%), cujos motores foram a indústria de petróleo e minério de ferro, edição, impressão e reprodução de gravações (12,4%), graças à elevação na impressão de revistas e jornais e, os setores de alimentos (3,8%) e bebidas (8,69%), que também contribuíram significativamente para o crescimento.

Por fim, cabe ressaltar que o crescimento industrial verificado entre o segundo semestre de 2004 e a primeira metade de 2005 foi bastante heterogêneo. Os destaques negativos ficam por conta da redução da produção física dos setores de metalurgia básica (-1,5%), máquinas e equipamentos (-1,6%) e edição e impressão (-1,1%). Por outro lado, cabe exaltar o crescimento dos setores farmacêutico (10,3%), material eletrônico e equipamentos de comunicações (13,4%) e indústria extrativa (6,8%). Enquanto a indústria farmacêutica cresceu em relação à um patamar bastante baixo de produção (uma produção 7% inferior à média de 2002), o setor de celulares aproveitou-se de um crescimento notável das exportações e da demanda nacional e, por fim, a indústria extrativa valeu-se das já discutidas elevações de sua demanda externa e preços.

Por último, quanto aos parceiros comerciais do Brasil, cabe destacar o papel da Europa e Ásia no crescimento das importações, principalmente em bens intermediários e bens de capital. Somadas, estas regiões representaram quase 60% da variação das importações em relação ao primeiro semestre de 2004. Os países do Nafta, Oriente Médio e





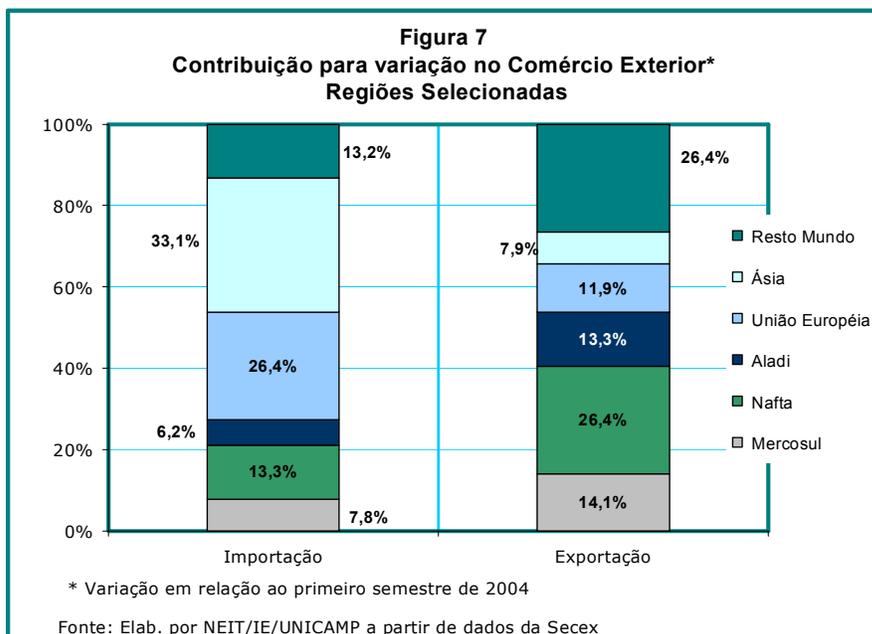
A produção dos setores de equipamentos eletrônicos e de comunicação, automóveis e da indústria extrativa foram os principais destaques do primeiro semestre de 2005.

África (incluídos na categoria "Resto do Mundo") foram responsáveis por contribuições da ordem de 13% para a variação das compras externas brasileiras no mesmo período, com destaque para a importância dos combustíveis e bens intermediários. Quanto às exportações, destacaram-se o Nafta (crescimento de 23,4% das vendas) e o "Resto do Mundo" (crescimento de 33,2% das vendas) como regiões que mais contribuíram para a elevação das exportações. Para ambas as regiões destacaram-se as vendas de bens intermediários, assim como para o Mercosul e UE. Para o "Resto do Mundo" podem ser ressaltadas ainda as vendas de bens de consumo, com uma contribuição de mais de 10% para a variação total das exportações brasileiras.

Em linhas gerais, o desempenho produtivo e comercial da indústria brasileira no primeiro semestre de 2005 foi positivo. A grande elevação de vendas externas de celulares e veículos automotores propiciou uma situação pouco tradicional: os bens de média e alta intensidade tecnológica contribuíram significativamente para a elevação do saldo.

Entretanto, alguns efeitos das elevadas taxas de juros puderam ser identificados nas comparações com o último semestre do ano anterior. A redução de importações, mesmo sob cenário de valorização do real frente ao dólar, pode ser destacada como indicador de cautela

dos consumidores e empresários nacionais. A redução da produção na metalurgia pode indicar incerteza quanto ao crescimento de médio prazo nos diversos setores encadeados. A manutenção de taxas de crescimento em setores de bens de consumo durável é essencial para o crescimento ao longo dos próximos meses, tendo em vista o peso que representaram na variação positiva da produção industrial dos últimos 12 meses. Neste sentido, a manutenção de saldos exportadores e do fôlego dos mecanismos de crédito em folha é elemento crucial. Os indicadores mais recentes apontam para uma inflexão na produção doméstica, ampliando a necessidade e os anseios por reduções na taxa básica de juros. O desempenho do segundo semestre da indústria nacional será delineado pelo impacto que as decisões de política econômica de curto prazo e os rumos da recente crise política imprimirão sobre as trajetórias apontadas.



Equipe Responsável NEIT – IE - Unicamp

Coordenação Geral: Fernando Sarti

Coordenação: José Augusto Gaspar Ruas

Pesquisadores: Célio Hiratuka, Fernando Sarti, José Augusto Gaspar Ruas, Marcos José Barbieri Ferreira, Mariano Francisco Laplane e Rodrigo Coelho Sabbatini.

Estagiários: Douglas Takeshi Simakawa, Maíra Camargo Scarpelli e Vinícius Sousa.